

SOBRE EDUCAÇÃO FEMININA NOS PRIMEIROS LICEUS DE ARTES E OFÍCIOS EM PORTO ALEGRE: POÉTICAS E RELAÇÕES

Joana Bosak¹
Ana Carolina Acom²

RESUMO

Este artigo é resultado de pesquisa bibliográfica, através de documentos, artigos, teses e dissertações, que se voltaram à história dos primeiros liceus de artes e ofícios e de formação feminina no Rio Grande do Sul. A pesquisa é parte integrante do projeto interinstitucional: Escolas de Artes e Ofícios no Brasil: história, propostas formativas e continuidades na formação do Bacharelado em Design de Moda, com núcleo central na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), envolvendo pesquisadores de diversas instituições públicas e privadas de todo o Brasil. O tema de pesquisa do projeto é a história e os processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos nas Escolas de Artes e Ofícios do país, e como se dá a formação dos cursos superiores de Moda.

De modo geral, a delimitação dos temas se refere à região de cada pesquisador e nossa proposta de pesquisa partiu dos *Saberes e fazeres nas regiões do sul do Brasil: artes e ofícios entre poética, técnica e profissionalização*. O processo de ensino e aprendizagem de habilidades e ofícios manuais está na origem dos estudos sobre uma “formação em moda”, assim como dos estudos sobre criação e do próprio conceito de modernidade (BENJAMIN, 2009; BAUDELAIRE, 2006). Dessa forma, ao investigarmos em Porto Alegre, na primeira metade do século XX, os primeiros indícios de uma educação voltada às artes manuais e produção do vestir, em última instância; encontramos duas instituições principais: O Instituto Parobé, criado por volta de 1906, dentro da Escola de Engenharia (futura faculdade de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), que em 1920 cria uma divisão feminina, chamada, a partir de 1929, de Instituto

¹ Doutora em Literatura Comparada pela UFRGS, é professora no curso Bacharelado em História da Arte e colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFRGS). Coordena o grupo de pesquisa História da Arte e Cultura de Moda/CNPq e é Diretora do Museu Moda e Têxtil da UFRGS.

² Doutora em Sociedade, Cultura e Fronteiras (UNIOESTE), pesquisadora vinculada ao grupo de pesquisa História da Arte e Cultura de Moda (UFRGS/CNPq) e colaboradora do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade da Universidade Federal de São João del-Rei (PIPAUS/UFESJ).

de Educação Doméstica e Rural. E posteriormente a Escola Técnica Feminina Senador Ernesto Dornelles, de 1946.

Ao adentrarmos os estudos sobre estas instituições, percebemos que, inevitavelmente, a pesquisa versa sobre a história da educação feminina no sul do país, o que deve ser compreendido como resultado de interpretações, representações e relações de poder (COLLING, 2014). Conseqüentemente, ao constatar os currículos, relatos ou excertos de jornal, torna-se necessária uma abordagem pós-crítica (SILVA, 1999) sobre percepções de gênero características do período.

Dessa forma, a pesquisa nos levou a uma reflexão para além das formações técnicas femininas. A partir do currículo destas escolas, centrados no eixo doméstico-feminino na perspectiva de Guacira Louro e Dagmar Meyer (1993), compreendemos essa formação institucional da mulher como o “anjo” ou “rainha” do lar: imagem positivista, vinculada por Auguste Comte e referida pelo poema vitoriano de Coventry Patmore, assim como em obras de Virgínia Woolf; mas que encontram eco, sobretudo, na identidade feminina dos anos 1950, traduzindo os anos da estética *New Look* em hábitos e estereótipos, como pode ser verificado, inclusive, nos uniformes das estudantes do Instituto de Artes, que viria a ser a vertente artística da bifurcação artes e ofícios na matriz desse sistema no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Educação feminina; Gênero; Currículo.